



A Arte Africana na Diáspora: as tranças na manutenção da vida¹

Beatriz Adão Pascoal da Costa²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2477-5882>

Elias Justino Bartolomeu Binja³

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9412-1839>

Resumo

No presente trabalho, propõe-se a refletir acerca da arte africana na diáspora. Dada a abrangência da arte em si, foca essencialmente nas tranças como elemento de manutenção da vida, reflexo da tradição africana. Nossa questão de fundo é problematizar e deslocar as tranças do mero exercício estético ou da moda, para remetê-las no contexto da cultura africana, como legado da ancestralidade. Nosso recorte no mosaico cultural africano, cinge-se nos povos do tronco Bantu, em particular no povo angolano, que guardada as devidas proporções, lutam pela preservação e valorização da cultura na diáspora. Não é nosso objetivo exaurir a temática, apenas suscitar a reflexão, abrir espaço para o debate, além de propor caminhos que restaurem a importância e a consciência das tranças na diáspora. Nossa abordagem desloca as tranças do mero exercício estético banal, para a afirmação da identidade africana.

Palavras Chave: Diáspora africana; Tranças; Arte Africana; Ancestralidade.

The African art into the diaspora: The braids in the maintenance of life

Abstract

The present work, it's in order to reflect about African art into the diaspora. Show the range on itself art .it focus essentially at the braids as an element on the maintenance of life, reflexes of African traditions. Our main question is to problemtize and move the braids from its simple esthetic exercise or fashion, to put it into an African culture context, as an ancestry legacy. Our clipping on the cultural African mosaic, gird itself into the people of Bantu trunk, especially in the Angolan people, that kept the due proportions, fight for the preservation and valorization of culture into the diaspora. It's not our objective to deplete the thematic, just revival the reflection, opening space for the debate besides to propose ways to rebuild the importance and the conscience about the braids into the diaspora. Our

¹ Texto construído para embasar o debate “Diálogos sobre diversidade, imigração africana e Serviço Social” no âmbito do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Trabalho, Saúde e Serviço Social – Neprass/ICSEZ/UFAM em 26 de fevereiro de 2023 via plataforma *Goog Meet*. A atividade contou com as contribuições da(o) autora(or) com a palestra “A Arte Africana na Diáspora: as tranças na manutenção da vida” e “Tradição oral entre os Bantu em extinção: um caminho sem volta visto da diáspora”, respectivamente.

² Mestre e Doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade – NEPI – PPGSS/PUC-SP. Graduada em Teologia e Serviço Social pela Faculdade Unida de Vitória – ES e pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas -FMU, especialista em gestão de projetos sociais pela Faculdade Latino Americana– FLAM.

³ Doutor e mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana, Mackenzie professor da FAM – Centro Universitário das Américas. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e graduação em teologia pela Faculdade Latino-Americana de Teologia Integral, graduação em Teologia (convalidação) pelo Centro Universitário Filadélfia, atualmente é professor convidado de antropologia da Universidade Agostinho Neto - Angola.





approach replace the braids from the sheer banal esthetic exercise for the affirmation on African identity.

Keywords: African Diaspora; Draids; African Art; Ancestry.

Tramitação:

Recebido em: 26/02/2023

Aprovado em: 01/03/2023

Introdução

A história da diáspora africana remonta do século XV, quando por razões alheias a vontade dos africanos, viram-se forçados a deixar o continente, para serem alocados nos mais distintos lugares do mundo, como agentes que lhes foi negada a autonomia e confinados como animais de carga a serviço do outro “civilizado”. Segundo Andrade, definindo a diáspora africana, afirma que:

A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno histórico e social caracterizado pela imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo. Esse processo foi marcado pelo fluxo de pessoas e culturas através do Oceano Atlântico e pelo encontro e pelas trocas de diversas sociedades e culturas, seja nos navios negreiros ou nos novos contextos que os sujeitos escravizados encontraram fora da África. (ANDRADE, s/p).

O processo de invasão e ocupação do continente africano pelos europeus, permitiu desde muito cedo às mais diversificadas violações a este povo. No sentido de enriquecimento ilícito daqueles que se intitulavam descobridores e civilizadores, retiravam do continente homens e mulheres para uma terra estranha, como escravos, e sem direitos, eram submetidos às mais diversificadas violações humanas, como era o trabalho escravo. Transportados como animais, muitos não conseguiam terminar a travessia nas condições precárias, os outros chegavam debilitados, com a saúde comprometida. Contudo obrigados a desempenhar os mais diversificados trabalhos.

Apesar de serem levados com as míseras roupas no corpo, sem qualquer outra bagagem, os africanos não deixaram de levar as suas culturas, as suas identidades, que as duras penas procuraram preservar ao longo do tempo. É na diáspora onde os africanos foram obrigados a ser o que não eram. A resistência na preservação e manutenção da cultura, buscaram conservá-la nos hábitos, nos costumes, na forma de se vestir tipicamente, vale dizer nas formas de suas expressões. Entre as expressões típicas, as tranças emergem como um



singelo adorno estético, mas que guarda no seu bojo toda bagagem ancestral, na forma de tradição.

Desta feita, o exercício de trançar ou ser trançada, traz no seu bojo o princípio relacional, a unidade plural e a transferência de vitalidade das pessoas envolvidas no processo (a artista - aquela que trança, a pessoa trançada e as pessoas que serão afetadas pela fruição estética). A artista explicita-se, identitariamente no fazer as tranças, dá-se a conhecer, doa-se ao outro. Ela é acolhida como doação na pessoa trançada e reconhecida nas pessoas que vão fruir a arte. Daí que, originariamente, trançar era um exercício gratuito, vale dizer, não envolvia qualquer tipo de compensação e dava-se no âmbito da família expandida, respeitando as diferenças de idade – de mãe para as filhas, das tias para as sobrinhas, das avós para as netas. Às vezes, também podia acontecer o contrário, em que às mais novas trançavam às mais velhas, em sinal de respeito e reverência. Para a construção deste artigo contamos com recurso da história oral.

O presente trabalho se propõe a suscitar uma reflexão em torno das tranças, debater a questão identitária vinculadas a elas, além de propor caminhos que restaurem a importância e a consciência das mesmas na diáspora. Nossa questão de fundo problematiza e desloca as tranças da estética para a tradição, da moda para a ancestralidade.

Através deste trabalho, gostaríamos de convidar o leitor a levar em consideração que para o africano, as tranças não são um mero ornamento na cabeça de quem a tem, ela é um retorno a identidade cultural e a ancestralidade, elas carregam as origens, as raízes culturais identitárias e para muitos, a lembrança de uma terra que ficou para atrás, que se conhece através da tradição oral.

As Tranças na Manutenção da Vida

O trabalho é condição básica para a existência humana. Em qualquer lugar, se a pessoa tiver um trabalho, a vida torna-se menos penosa. Com relação à vida dos imigrantes africanos na cidade de São Paulo, encontrar um trabalho tão logo cheguem, para subsistência se faz necessário. Contudo, como não é fácil encontrar um emprego formal, o que era um traço cultural e identitário é reduzido a mero acessório para embelezamento pessoal. Na diáspora as tranças e no trançar dos cabelos, descobre-se um meio de subsistência, a despeito de ser uma arte, um meio de manifestação e preservação cultural.



A arte mostra o ordinário de um modo extraordinário e dá significado ao mundano. Ela dá o sentido que traz vitalidade ao cotidiano e nos transporta para além dele. Com a arte, podemos comunicar emoções complexas, confortar a alma ou instigar o pensamento e a ação; sua linguagem expressa nossa sensibilidade e transmite nossas ideias como nenhuma outra. (OCVIRK, 2014, p.3).

Na citação acima podemos perceber aquilo que desde então as nossas ancestrais inculcaram nas tranças e no fazer as tranças. Um mero exercício no cotidiano africano, cheio de vitalidade e energia participativa da comunidade. Em Angola, ainda hoje, as mulheres cuidam do cabelo uma das outras como expressão cultural, numa transferência de energia vital através dos afetos, consolidam-se os vínculos afetivos, articula-se a identidade feminina. A prática de trançar o cabelo dá-se início em casa, a mãe cuida do cabelo das filhas, e vice-versa, quando as meninas um pouco mais crescidas. A mãe transfere para as filhas um dos hábitos femininos básicos que é cuidar da sua estética num esforço de nunca ser confundida com aquilo que se não é – o não ser feminino.

A atividade de trancista ou trançadeira veio com a diáspora africana. No continente africano, o trabalho de quem faz penteados baseado em tranças tem sentido e tradição muito além da estética, porque está relacionado a alguém com autorização para mexer no cabelo das pessoas, alguém de confiança. (LUANA BENTO, 2021).

Figura 1 - Mulheres trançando o cabelo em Luanda



Fonte: Beatriz da Costa (dezembro 2019)





Ao fazer as tranças umas às outras, as mulheres se afirmam, identificando-se no reconhecimento recíproco de pertencimento umas às outras dentro do contexto da identidade cultural. As tranças, nesse sentido, são mais do que um mero ornamento e cuidado do cabelo, mas a expressão viva do feminino, da identidade pessoal enquanto singularidade na pluralidade, e enquanto identidade coletiva – o pertencer ao grupo social e ocupando o espaço da ancestralidade. Por meio das tranças, o africano em geral, o angolano em particular, consegue identificar a identidade cultural da outra mulher e seu pertencimento àquela ancestralidade.

Não poucas vezes a relação entre distintas culturas e identidades se dá por meio de transferência e passagem de expressões de uma para outra através de compensações financeiras. À primeira vista pode parecer um negócio não lucrativo, no entanto essas trocas longe de serem mercantis, é um sistema complexo de congratulação na aceitação e acomodação do diferente em si. A arte de trançar. Nesse sentido, faz do ordinário o extraordinário quando explicita uma semântica identitária do ser-se desta ou daquela identidade cultural, o que por si só envolve sentimentos inexprimíveis. Não poucas vezes, por razões diversas, há quem faça desta prática um meio de subsistência, como resultado da precarização da vida durante e pós-guerra civil⁴, enquanto não se consegue um trabalho no mercado formal. No entanto, a não valorização deste trabalho entre os africanos se dá pelo fato de que qualquer lugar se pode encontrar alguém disposto a fazer gratuitamente com cabelos os mais variados modelos e penteados.

É na diáspora africana que o cuidado do cabelo, por meio das tranças, os africanos e não só, encontraram, nessa arte, um meio de trabalho e de subsistência, valendo-se de distintas técnicas ancestrais para marcar presença numa cultura diferente, em um espaço conquistado pelos outros. Nesse sentido a arte das tranças tem duplo sentido:

⁴ “Angola e muitos países africanos vivenciaram, em sua história, um longo período de colonização e guerras civis, período em que foi ceifada a vida de milhares de angolanos em particular e muitos africanos no geral. Em 1975, Angola tornou-se um país independente, mas se intensificaram, nesse período, os conflitos internos, que acabaram acirrando a mortalidade de milhares de angolanos”. (COSTA, 2019, p.21). “No dia 11 de Novembro de 1975, com Angola sangrando sob os efeitos da guerra, a independência foi proclamada de forma unilateral em três pontos diferentes do território: A FNLA proclama a independência na cidade de Carmona; o MPLA proclama a independência e “assume” o governo em Luanda; a Unita proclama a independência em Nova Lisboa [...] O governo do MPLA foi o único a ser reconhecido internacionalmente por ter sido proclamado na capital. O Brasil foi o primeiro país a reconhecer Angola como país independente e o MPLA como o legítimo governo de Angola. (SOUSA, 2000, p.45).



1º Atender e responder os anseios e as necessidades na manutenção da vida longe da terra natal.

2º Explicitar a identidade ancestral e cultural na demarcação e afirmação do ser-se africano na diáspora.

Quando a pessoa imigra em busca de melhores condições de vida, quer o mas rapidamente possível encontrar um emprego e dependendo das necessidades, não são avaliadas as ofertas de trabalho. Isso quando surgem. O imigrante começa, assim, a perceber os custos que a pessoa teria em comparação com o que ganha, trabalhando mais de 12 horas por dia para auferir um salário mínimo e sem direito nenhum. Em meio às dificuldades, o trabalho com cabelo dá-lhe a possibilidade de um empreendedorismo pioneiro, visto ser um meio imediato de subsistência face às dificuldades de ingresso no mercado formal. Ao mesmo tempo em que, como arte, expressa com fidelidade a cultura em uma realidade diferente da vivenciada pelo imigrante em sua terra.

Maria⁵ uma artista que se serve do cabelo, angolana, residente na cidade de São Paulo, em representação a muitas imigrantes nesta cidade, nos conta como trabalha com os mais diversificados cabelos (natural e sintético), e por meio dos quais, encontra formas de subsistência de sua família.

Figura 2 – Maria em seu local de trabalho.



Fonte: Beatriz da Costa (janeiro de 2019).

⁵ Maria João David é angolana, de 48 anos de idade, nascida no Congo Democrático, em representação às muitas africanas espalhadas pela cidade de São Paulo, encontrou na arte de trabalhar com cabelo, a forma de poder se manter e manter seus familiares nesta metrópole. Nascida na república do Congo Democrático, filha de pais angolanos. Aquando da guerra em Angola, em 1965, seus avôs fugiram para a vizinha república do Congo. Foi lá que seus pais se conheceram e nasceram ela e seus irmãos.

Segundo Maria, o trabalho com cabelo não é o único recurso encontrado por imigrantes africanos em São Paulo. Um dos motivos que tem levado muitos a andarem pelas ruas, vendendo produtos de origem africana, ou a permanecer em um só ponto, seja nas ruas do Brás, na Sé, ou em muitas estações de metrô, é a forma mais rápida que encontraram para, por conta própria, ganhar o seu sustento e trabalhar no tempo desejado. O trabalho formal, quando aparece, a remuneração é muito baixa. Os salários oscilam entre 800 e 1200 Reais, valor insuficiente para suprir as necessidades mensais. No comércio informal, como ambulantes, conseguem valores muito acima dos oferecidos. Por isso, salienta Maria: “muita gente prefere vender na rua, porque nos trabalhos formais, a gente passa tanto tempo e ganha muito pouco” (depoimento em 2019).

Em Angola o trabalhar com cabelos não constituía uma fonte de renda. No Brasil o contexto é diferente: a maior parte dos imigrantes africanos enfrenta muitas dificuldades, os afrodescendentes convivem com as mesmas dificuldades, além de terem os seus direitos negados, daí que, os imigrantes vêm as suas expectativas reduzidas, tanto em direitos, quanto na inserção no mercado de trabalho. Quanto ao trato e cuidados dos cabelos, os africanos focaram neste mercado a possibilidade de abrir o próprio negócio e garantir a outros imigrantes um emprego.

Maria conta que antes de conseguir um espaço para que pudesse exercer a arte de trabalhar com cabelos, vivia de pequenos negócios. No trabalho com cabelos começou atendendo suas clientes em domicílio: “comecei a trançar e a fazer aplicações de cabelo; indicada por amigas, passei a atender de casa em casa das minhas clientes, sempre que solicitada. (depoimento em 2019). Neste sentido, salienta Ocvirk:

Seja qual for o tempo ou o lugar da criação, a arte sempre foi produzida porque um artista quis dizer algo e escolheu uma maneira particular de dizer. Para cada obra, o artista faz escolhas quanto a estrutura, media (materiais e ferramentas), técnicas (método de usar os media) e tratamento do tema, para melhor expressar sua ideia. Com o tempo, o conjunto da obra do artista pode revelar sua identidade expressiva, como uma assinatura – esse atributo significativo é conhecido como estilo artístico. (OCVIRK, 2014, p.4).

Maria, mesmo em condições precárias e em situação não muito favorável, conseguiu seu espaço, porque a clientela reconheceu no seu trabalho um traço característico, uma assinatura dela, razão pela qual, não deixaram de solicitar os seus serviços. Cabe referir que as



tranças não são só um ornamento, uma arte feita para os solicitantes de demandam deste serviço. As tranças estão associadas aos costumes étnicos. Os vários estilos de tranças representam ou simbolizam a etnia de quem as faz, o que permite identificar em muitos casos a idade, estado civil, status social, e situação religiosa. As tranças através das épocas têm simbolizado um ato de resistência. Contudo são várias as mulheres africanas que na diáspora, nos mais distintos espaços, trabalham com cabelo, mas cada uma tem seu estilo próprio, sua assinatura.

Aos poucos, Maria foi construindo o seu salão de beleza, situado na Avenida Rangel Pestana, lugar de referência para muitos africanos, na cidade de São Paulo. Nesta região, compra-se de tudo um pouco, das comidas africanas aos mais lindos panos e trajes típicos, confeccionados ao gosto do cliente. É nesse lugar onde essa mulher batalhadora e resistente conseguiu instalar o seu salão; quem afluí ao espaço, procurando pelos serviços de Maria, é atendido, independentemente do seu tipo de cabelo e da sua necessidade, conforme segue (Figura 2).

Figura 3 – Salão de cabeleireiro de Maria



Fonte: Beatriz da Costa (janeiro de 2019).

Hoje, o Brás é o lugar de trabalho de Maria, onde ela já morou. O Brás é ainda o lugar de referência para muitos estrangeiros que buscam emprego. Maria diz que “o Brás é o lugar de trabalho para todo mundo” (depoimento em 2019), por ser um lugar de comércio de varejo muito popular.



Os imigrantes africanos na cidade de São Paulo fazem do trabalho com o cabelo sua fonte de renda. Entretanto, salientamos que a clientela que acorre a esse lugar, em busca dos seus serviços, é maioritariamente imigrante e afrodescendente. Logo, a clientela não busca apenas as tranças ou sua estética, mas, os valores culturais agregados a elas. As tranças remetem-lhes a um histórico, um passado, a uma identidade que ficou para trás. Ao ser assim, a trança feita pelas imigrantes africanas não são apenas enfeites estéticos, mas a arte que remete a ancestralidade, explicitando sentimentos complexos, muitas vezes incompreendidos. Ou seja, a artista imprime em sua ação a sua própria alma e suas complexidades.

A maior parte dos imigrantes que atuam nesta área não se reconhece como artistas. Um assistente social, que atue com movimentos de imigrantes, pode trabalhar a partir da mediação artística com estes profissionais no intuito de desenvolver com eles, aspectos que resultem em reconhecimento de direitos, modos de efetivá-los, além de um processo de fortalecimento dos mesmos enquanto grupo. As imigrantes utilizam-se deste valor para fazer a manutenção da própria vida, elas trançam para se sustentar, entretanto, deixam de ser meras profissionais para serem artistas, porque a partir desta arte elas mexem com sentimentos complexos como abordado acima. Neste intuito, o assistente social auxilia na criação de consciência de direitos do sujeito e isso é um trabalho didático e pedagógico. O assistente social, antes de ser o indivíduo de ponta que atua diante do Estado para garantir o direito, é um docente que o direciona sobre os seus direitos.

Segundo Anta Diop (1974), as culturas africanas descendem ou têm no Egito o seu berço. A palavra Maat segundo a filosofia egípcia significa verdade, não enquanto enunciado discursivo, mas como a soma total de todas as virtudes que tornam uma pessoa sábia. Maat é a lei, o equilíbrio, o nivelamento, a uniformidade, a retidão e a exatidão. Ela se expressa pela linguagem do grupo social, centrada na sua liderança – Faraó, Soba, etc. O líder é o mediador dos mundos material e espiritual, por isso, a expressão corpórea de Maat. A iconografia egípcia representa Maat na figura de uma mulher bela, de tranças, com uma pluma de avestruz sobre a cabeça e assas que lhe possibilitam voar. Maat é a deusa alada de tranças, que migra de cabeça em cabeça, como a sabedoria que exige retidão, verdade e justiça, além da integridade. Trançar na arte africana é sempre uma homenagem ancestral a Maat, a sabedoria suprema.

O ato da mãe se debruçar sobre a filha para trançar-lhe o cabelo, não expressa apenas o desejo de uma estética no cuidado com o cabelo, mas expressa simbolicamente a efluxão, a



transmissão, a transferência da sabedoria ancestral de uma mulher adulta a uma mulher jovem. Explicita a transmissão do legado ancestral da geração no ocaso (velhice) para a geração no seu alvorecer (juventude).

Maat não é propriedade pessoal, não se compromete com a individualidade ou identidade pessoal, mas com a unidade plural, num processo contínuo de migração que “vai de para”. Ou seja, Maat voa, passa-se de uma pessoa para outra, de uma comunidade a outra, de uma geração à outra, por isso alada. Ela não é estática, em sua dinâmica procura contemplar gerações, comunidades, imprimindo nelas a nobreza das virtudes com vista a salvaguardar a justiça, a verdade e a retidão dos membros da comunidade enquanto unidade identitária.

Figura 4 - Maat



Fonte: <https://www.google.com/search?q=maat+deusa>

Segundo Altuna (2014), a cultura Bantu brota e expande-se por meio da palavra. A palavra oralizada e oralizante fundamenta a cultura e ela tem primazia na comunidade. Nada mantêm-se e nem vive sem ela. Neste sentido o Bantu não intelectualiza a palavra, porque ela e a pessoa que a pronuncia estão unidas e tornam-se uma única realidade. Palavra e pessoa, pessoa e palavra são exatamente a mesma coisa. Daí dizer-se que o bantu não fala para

informar, mas para comunicar-se, vale dizer, dá-se ao outro por meio da palavra. Por ela e nela a pessoa comunica-se, translada-se e prolonga-se no outro que o escuta. Na palavra a pessoa compromete-se e empenha-se, criando uma liga de força vital com o interlocutor, que acolhe e acomoda o outro nele mesmo.

Isso nos permite dizer que o gesto, a ação de trançar o cabelo no africano, não acontece no silêncio, mais no diálogo franco e aberto entre os envolvidos: a artista que trança e o sujeito sob a arte, a trançada. A mãe enquanto trança a filha doa-se, transfere-se ela mesma na filha, na esperança de que a filha lhe seja a extensão, o prolongamento e a continuidade da vida que ela não viveu ainda. Trançar é fusão: a mãe na filha, é partilha da energia vital: entre parentes, amigas e membros da comunidade identitária e cultural.

As sociedades africanas estão centradas na coletividade, definida como unidade plural. O pertencer-se ao coletivo é e determina a identidade do africano, cuja existência é Maat: O viver sábio, o viver honesto, o viver equilibrado pela preservação da unidade plural. Nesse contexto, ninguém é sem o outro, vale dizer, ninguém é sem a comunidade de pertença. As tranças fazem referência tanto da unidade quanto da pertença. O desenho das tranças, o grafismo nelas construídos e a configuração geral do cabelo mostra e indica-nos o grupo de pertença ou de definição identitária da mulher. Logo existem estilos para todas as etnias, existem grafismos para todas as homenagens e traçados para todas as ocasiões. A expressão alegre da mulher, o sorriso largo que exhibe a satisfação das tranças que ostenta na cabeça, homenageia a unidade da pluralidade da trançada com a trançadora-artista e a comunidade que as define. Um estilo de vida, uma atitude em ser-se si mesmo no universo da pluralidade que remete ao prolongamento da ancestralidade no presente. Isso é África.

Considerações Finais

O processo de globalização tem aprofundado as desigualdades e as exclusões geradas pelo modelo atual de economia. É na diáspora africana, onde os imigrantes, que se pensavam e intitulavam livres para imigrar, enfrentam as mais diversificadas restrições e precarizações. Quando não se consegue um emprego no mercado formal no novo lugar, os mesmos se vêm forçados a buscar mecanismos para que possam se estabilizar no lugar de acolhida. Os dados que indicam as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho para os imigrantes no geral, e em particular os africanos, são diversificados. É no trabalho com os cabelos, que muitos encontram o caminho para manutenção e subsistência.



Percebe-se, que em meio às dificuldades, o imigrante africano faz do trabalho com cabelos, um meio que o possibilita de imediato a encontrar saída para a sobrevivência, ao mesmo tempo em que, não deixa de expressar a sua africanidade: cultura e tradição. A arte de manusear o cabelo, a despeito de ser um meio de subsistência, é também um instrumento a partir do qual, o sujeito se encontra consigo mesmo na cultura, partilhando-a com o outro, que nem sempre entende a profundidade do que está em causa. Desta feita, a cultura e a ancestralidade, são partilhados num encontro de resistir as forças que a querem soterrar, mantendo viva a mensagem ancestral.

Deixamos com o presente texto a nossa contribuição, convidando o nosso leitor, não só a refletir, como também a perceber nas tranças um pouco mais do que mera estética africana. Fica registrado o nosso convite aos afrodescendentes, a mergulharem nas suas raízes identitárias. Que Maat enquanto razão do justo pensar, valor da moralidade, seja percebida enquanto mensagem e horizonte, a partir do qual valoramos as nossas ações, em busca de uma sociedade mais equitativa, e por que não mais justa?

Referências

ANDRADE, Ana L. M. S. **Diáspora Africana**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/africa/>. Acesso em 10 jan. 2023.

ALTUNA, Raul R. A. **Cultura Tradicional Bantu**. 2ª Ed. Águeda – Portugal: Paulinas, 2014.

BENTO, Luana. Mapeamento de trançistas. In: <https://revistacenarium.com.br/mapa-de-trancadeiras-quer-coletar-dados-sobre-novas-profissionais-no-rj/>. Acesso em 10 jan. 2023.

COSTA, Beatriz. **Modo de vida dos imigrantes africanos na cidade de São Paulo: A trajetória dos angolanos**. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 2019.

DIOP, Cheikh Anta. **A origem africana da civilização: Mito ou Realidade**. Tradução de Mercer Cook. Ed. Lawrence Hill &, 1974

SOUSA, Castro. **Trilhas do medo: um testemunho sobre a guerra civil de Angola**. São Paulo: Nativa, 2000.

OCVIRK, Otto G. (Org.). **Fundamentos de arte: teoria e prática**. 12ª edição. Trad. Alexandre Salvaterra, AMGH Editora Ltda, Porto Alegre, 2014.